



NARRATIVA TELEJORNALÍSTICA: uma análise da cobertura do programa Fantástico sobre os indígenas da Amazônia nos últimos 10 anos

Kleiton Afonso Silva da Cunha¹

Vânia Maria Torres Costa²

Universidade Federal do Pará – UFPA
Instituto de Letras e Comunicação – ILC
Faculdade de Comunicação – Facom
Curso de Comunicação Social – Jornalismo

RESUMO

Este artigo propõe uma análise das reportagens exibidas no telejornalismo do programa dominical Fantástico, da Rede Globo, sobre os indígenas que vivem na Amazônia brasileira. O objetivo do trabalho é verificar nos processos narrativos continuidades e inovações nos modos como os indígenas da Amazônia brasileira são representados. Trabalhamos com os conceitos de narrativa, de Luiz Gonzaga Motta, e identidade, de Stuart Hall. Utilizamos o método de análise do discurso a partir de Vânia Torres Costa para refletir sobre a construção narrativa dos recursos audiovisuais presentes nos produtos jornalísticos selecionados entre o período de 2012 a 2022. Observou-se que a construção textual e imagética produzem um rol de significações que estabelecem relação de subalternidade, marginalização e reforçam a ideia de um “Brasil exótico”.

PALAVRAS-CHAVE

Amazônia; Indígenas; Fantástico; Telejornalismo; Rede Globo.

¹ Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação (FACOM) da Universidade Federal do Pará (UFPA), e-mail: kleiton.cunha@ilc.ufpa.br.

² Orientadora do trabalho. Professora da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) da Universidade Federal do Pará, e-mail: vaniatorres@ufpa.br.



À minha avó, pelos 19 anos que cuidou de mim na Terra,
e por toda eternidade que continuará cuidando lá do Céu.
À minha mãe, por ter colocado a mim e meus irmãos como
prioridade, e me fazer acreditar em lealdade e amor.



AGRADECIMENTOS

Definitivamente, tenho muitas pessoas a quem agradecer.

No entanto, irei me ater aos principais envolvidos em minha evolução como pessoa e como pesquisador.

Agradeço à minha orientadora Vânia Torres Costa por aceitar guiar meu trabalho e por todo o conhecimento compartilhado.

A todos meus professores do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pará pela qualidade em educação superior e por terem me ajudado a pensar em um projeto de futuro.

Aos meus pais Katilene Cunha e Carlos Cunha por estarem presentes e me apoiando no percurso da minha vida.

Aos meus irmãos Carlos Junior e Kamilly Cunha pelo companheirismo e por serem as minhas pessoas favoritas.

Às minhas sobrinhas Allany Sofia, meu amor maior, e Laura Sofie por me fazerem querer ser uma pessoa melhor; também ao Caio, que ainda não nasceu, mas já tem um lugar no meu coração.

Aos meus amigos mais próximos: Fernanda Chermont, Ediany Cunha, Paulo Renato, Leila Tatiane, Harrison George e Evely Costa, vocês são importantes.

Por último, mas não menos importante, ao grupo “Sê tú uma benção” porque sem vocês eu não teria aguentado os longos anos da graduação.

1. INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é refletir sobre a construção das narrativas telejornalísticas da Rede Globo de Televisão sobre a região Amazônica e os indígenas que vivem nela para entender como os conteúdos exibidos representam esses sujeitos. As histórias televisionadas pelo jornalismo em rede³ podem ser vistas como produtos narrativos elaborados a partir da intencionalidade de quem narra. Traquina (2005b) afirma que a construção da notícia possui participação ativa do jornalista, deixando claro que todo o conteúdo dentro de um material jornalístico tem, em grande ou pequena medida, a presença subjetiva do profissional que a escreveu.

Nesse ínterim, levando em consideração que o jornalista é, assim como qualquer outra pessoa, um sujeito dotado de trajetórias individuais, culturais e históricas, precisamos ter ciência de que ele escreve seus textos a partir dessas trajetórias. Essa percepção é crucial para discutirmos narrativa jornalística, pois qualquer formato de narrativa é transpassado de subjetividades de seu autor (Motta, 2013). Falaremos mais sobre narrativas no tópico seguinte.

No entanto, cabe aqui frisar que o exercício de observar as reportagens exibidas no Fantástico como narrativas faz com que possamos visualizá-las não só como uma matéria qualquer, ultrapassando a lógica de um conteúdo imparcial para identificar as intencionalidades ao narrar um acontecimento. A maioria das histórias que são exibidas pelo telejornalismo vêm do Sudeste brasileiro⁴ e centro econômico do país, ou seja, produtores de notícias do outro lado do país que escrevem sobre a vida de pessoas da região Amazônica. O que essas histórias dizem e como elas são contadas?

Os veículos de comunicação em rede nacional têm maior alcance ao disseminar histórias em suas reportagens, o que facilita com que essas narrativas cheguem a uma grande quantidade de leitores e fortaleçam ou não ideias já estabelecidas, o que Bhabha (1998) chama de estereótipo. Discutiremos mais adiante a importância das imagens para

³ Jornalismo em rede refere-se à capacidade dos veículos de comunicação distribuírem seus conteúdos para todo território brasileiro. Em seu livro “O monopólio da fala” (1977), Muniz Sodré explica que os meios de comunicação em rede têm a ver com a concentração de poder (monopólio) empresarial, como é o exemplo da Rede Globo de Televisão.

⁴ É na região Sudeste do país, especialmente os estados do Rio de Janeiro e São Paulo, que fica concentrada a maior parte das produções audiovisuais. Os cinco maiores grupos de mídia do Brasil, além de serem controlados por famílias empresariais vinculadas às elites econômicas e políticas, estão concentrados no eixo Rio-São Paulo. (Fonte: MOM/Intervozes 2017). Disponível em: <https://brazil.mom-gmr.org/br/>. Acesso em 03 out. 2024.



a construção simbólica de um imaginário cultural e como elas são utilizadas estrategicamente pelos meios de comunicação para captar seus telespectadores. Costa (2022, p. 89) nos fala que, dentro de uma economia capitalista, a indústria da televisão pode ser vista como uma “vitrine de circulação das mercadorias”.

Ora, de quantas formas é possível narrar um mesmo acontecimento? Como jornalista, as possibilidades de contar uma história envolvem desde questões econômicas a questões culturais, e todas interferem na mensagem que chega aos destinatários do outro lado. Muniz Sodré (2009) define o acontecimento como uma construção daquilo que é real, ou seja, quando o jornalista faz o tratamento do fato para transformá-lo em notícia, ele está produzindo uma modalidade do real. Nesse sentido, o texto aparece como fundamental para se averiguar a intenção do narrador. Se tratando de linguagem audiovisual, tanto o texto verbal como o imagético-sonoro interferem nos sentidos que a narrativa seguirá (Costa, 2022).

Costa e Costa (2023, p. 9) cunharam o conceito de polinarrativa dentro do telejornalismo, que seria mais ou menos uma proposta de analisar os elementos audiovisuais não como elementos individualizados, “mas enquanto textos que se interpenetram e se complementam”. Isso quer dizer que os textos não só interferem na mensagem, mas eles se complementam na narrativa em todas suas nuances, da produção à edição. Todos os elementos são de extrema importância na compreensão dos significados presentes no texto audiovisual, inclusive a ausência de elementos, “o que a imagem mostra sem dizer verbalmente, e o que o texto diz ao mostrar” (Costa; Costa, 2023, p. 9). Percebemos assim que a escrita para a televisão é bem mais complexa do que para outros formatos – o impresso, por exemplo.

O texto é a ferramenta de trabalho principal do jornalista. É através dele que as narrativas contadas são organizadas em ordem cronológica e temporal (Motta, 2013), o que permite ler a notícia e interpretá-la. Contar histórias é uma característica de todos os seres humanos, desde formas mais primitivas como as pinturas rupestres a formatos mais modernos como os filmes, por exemplo. No telejornalismo, utiliza-se elementos diversos para organizar uma história (Motta, 2013), por isso é preciso analisar todos para termos uma compreensão mais abrangente de seus significados.

Tomando o texto, a imagem e o som como linguagens que produzem sentido na narrativa audiovisual (Motta, 2022), podemos visualizar o que a veiculação dessas



notícias quer dizer ao juntar ambos os recursos para contar uma história. Dessa forma, podemos enxergar como todas essas questões supracitadas tendem a reforçar estereótipos (Bhabha, 1998) e percepções pré-concebidas pelo jornalismo hegemônico. Partindo disso, o objetivo deste artigo é o de identificar, nos processos narrativos do jornalismo de TV, as formas discursivas que produzem sentidos sobre os sujeitos indígenas que vivem na região Amazônica, observando como são representados nas reportagens exibidas em todo território nacional. Então, após a transcrição e análise do material selecionado para compor o corpus da pesquisa, vamos refletir sobre as intencionalidades do narrador e suas estratégias audiovisuais.

Qual é o papel de um jornalista? Possivelmente a principal resposta para essa pergunta é informar os acontecimentos do mundo; sejam eles acontecimentos locais, nacionais ou internacionais. Traquina (2005a) sugere que “se o campo jornalístico fosse um país, (...) a paisagem desse país estaria marcada, em todo e qualquer lugar, pela presença de relógios” (Traquina, 2005a, p. 37). O trabalho de informar, ao mesmo tempo que evoca a necessidade de apuração dos fatos, também pressupõe uma ação rápida para sempre ser o primeiro em “dar a notícia”. Ainda assim, por mais que o jornalista apure tal situação, é impossível cobrir toda a complexidade da realidade.

As reportagens selecionadas durante os últimos dez anos nos permitem identificar como o telejornalismo de rede produz histórias sobre os indígenas que vivem na Amazônia (Costa, 2022). A palavra “Amazônia”, por si só, evoca ideias e imagens pré-estabelecidas por um conjunto de informações históricas (Bueno, 2008). Se a primeira coisa que vem à mente quando se pensa em Amazônia for rios, florestas ou um imenso pedaço de terra desabitada, já estaremos falando sobre hegemonia cultural (Hall, 2006), conceito chave que discutiremos mais adiante. A visão que possuímos sobre a Amazônia é fruto de um longo processo cultural (Hall, 2016) que passa a enxergar a região como um “Outro” distante, diferente e desconhecido.

Para conseguirmos analisar se houve mudanças⁵ nos conteúdos telejornalísticos ou se as narrativas sobre a região Amazônica continuam reforçando estereótipos, selecionamos dez reportagens, uma por ano, para verificar no texto, por meio da análise

⁵ Este trabalho toma como ponto de partida a tese de doutorado de Vânia Costa (2011) intitulada “À sombra da floresta: os sujeitos amazônicos entre estereótipos, invisibilidade e colonialidade no telejornalismo da Rede Globo”. Dessa forma, o objetivo da pesquisa foi perceber – ou não – mudanças e continuidades na produção do jornalismo de TV em rede nacional.



de discurso (Costa, 2022), como essas pessoas são representadas. Como recorte de pesquisa, as reportagens têm como foco principal as histórias de pessoas indígenas da Amazônia brasileira.

2. TELEVISÃO E LINGUAGEM AUDIOVISUAL: O QUE É NARRATIVA?

A chegada da televisão no Brasil remonta à década de 1950, inicialmente restrita a um nicho de brasileiros mais bem afortunados (Freire Filho, 2004). Freire Filho (2004) aponta que até 1964 – ano do golpe militar – a programação da TV era considerada para muitos historiadores como “elitista”, com teleteatros, imprensa sensacionalista, melodramas etc. No entanto, há muito mais interesse político e econômico na instauração da televisão no Brasil. Desde seus primeiros testes em território nacional na década de 1930 até sua instauração e consolidação a partir da segunda metade do século XX, a televisão é um instrumento para controle e homogeneização cultural (Freire Filho, 2004).

No caso específico brasileiro, a trajetória histórica da televisão é, em geral, delineada sob uma visada sociológica que prioriza – como parâmetro de análise e periodização – a influência (direta ou indireta; problemática; por vezes, espúria) do Poder (democrático/ ditatorial) e do Capital (nacional/ estrangeiro; em particular, estadunidense) na estruturação e no desenvolvimento do serviço de TV e de suas organizações. (Freire Filho, 2004, p. 08)

Conforme supracitado por Freire Filho (2004), a chegada da televisão no Brasil, entre outras coisas, também é reflexo de um processo de dependência e de difusão de uma ideologia dominante, aquilo que Hall (2006) vai chamar de “comunidade imaginada” – ou identidade nacional, que iremos tratar mais adiante. A televisão chegou ao Brasil já rodeada de interesses políticos e econômicos, principalmente durante o período da ditadura militar (1964-1985), quando os governantes utilizaram a tecnologia – tanto para difundir suas ideologias quanto para censurar qualquer conteúdo contrário (Mello, 2009).

A proporção de domicílios no Brasil com TV, em 2023, ficou em 94,3%⁶. Esse percentual é pouco menos que 1% a menos de televisores em domicílios brasileiros em comparação com o ano anterior, mas ainda representa quase a totalidade de acesso ao veículo de comunicação no país. Um aparelho que inicialmente estava acessível somente aos mais ricos, tornou-se rapidamente um item indispensável nas camadas mais populares (Mello, 2009).

Nos primeiros anos da televisão no país, de acordo com Santos e Luz (2013), ela serviu como um tipo de extensão natural do rádio, tanto nos formatos dos programas quanto em seus conteúdos. Costa (2022) destaca que a primeira década da televisão foi recheada de dificuldades. Os equipamentos eram grandes e pesados, dificultando o manuseio, os programas eram todos ao vivo devido a falta de equipamentos de gravação⁷, além do fato de que a transmissão da televisão estava ainda limitada à região Sudeste. Mas esse cenário rapidamente mudou nos anos seguintes, com o investimento de abertura de novas emissoras que propiciou o aumento exponencial de anunciantes (Costa, 2022).

Roberto Marinho, na época dono do jornal O Globo e da Rádio Globo, criou a Rede Globo em 1965, e em poucos anos ela tornou-se dominante no mercado do veículo (Costa, 2022). Diferente das outras emissoras concorrentes que na época lidavam com problemas relacionados ao modelo do regime militar, a Rede Globo seguia uma lógica empresarial de investimentos em equipamentos e pessoal qualificado de modelos e acordos⁸ norte-americanos. Foi justamente nesse período, no início da década de 1970, que a Rede Globo, emissora que mais se beneficiou com os avanços tecnológicos que chegavam para a televisão brasileira, implementou o “padrão global” (Mello, 2009). Esse padrão foi implementado no fazer jornalismo de TV em todo território nacional, o que hoje em dia é chamado de “padrão Globo de qualidade”.

⁶ Os dados são da pesquisa “Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal”, publicado em 2023 pelo PNAD Contínua. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102107>. Acesso em 02 out. 2024.

⁷ Em 1960 foi ao ar o primeiro programa gravado, foi a primeira vez que a televisão brasileira utilizou o videotape ou VT, um equipamento de gravação que eram transmitidas em fitas VHS (Mello, 2009).

⁸ Em 1962, a empresa de Roberto Marinho foi financiada com cerca de seis milhões de dólares pela empresa norte-americana Time-Life e trouxe profissionais estrangeiros para cargos de gestão da Rede Globo (Costa, 2022). O acordo ia contra a Constituição de 1946 que proibia interferência e lucro por parte de grupos estrangeiros em empresas de comunicação. O acordo foi desfeito em 1969 após divergências e questões políticas, mas consolidou a Rede Globo em seus primeiros anos de existência.



As imagens são recheadas de intencionalidade de quem a produz, ainda que mostrem, aparentemente, um recorte da realidade (Costa, 2015). Tanto a imagem estática (fotografia) quanto a em movimento (vídeo) querem passar uma mensagem. “A fotografia traz duas mensagens: uma sem código (o análogo fotográfico, denotativo) e outra codificada (o tratamento, a retórica, a escritura - conotativa)” (Costa, 2015, p. 200). Talvez essa seja a principal mudança na forma de se fazer jornalismo com o advento da televisão no Brasil, a imagem deixa de ser um recurso complementar da notícia, mas se torna central.

Pesquisar e analisar o material jornalístico como narrativas é entender que as histórias exibidas em um telejornal possuem uma estrutura (Motta, 2013): são organizadas cronologicamente, há atores e personagens que representam “seres humanos concretos ou imaginários”. Uma reportagem – assim como um livro de ficção, por exemplo – é construída a partir da visão do autor. Há mil formas de fazer uma notícia sobre um fato, e é o jornalista que definirá como essa história será contada. Motta (2013, p. 63) diz que a palavra-chave para entender narrativa é *sucessão*: “a narrativa põe naturalmente os acontecimentos em perspectiva, [...] cria o passado, o presente e o futuro, encaixa significados parciais em sucessões temporais, explicações e significações estáveis” (Motta, 2013. p. 63).

Experimentar ver o jornalismo como instrumento de produção de narrativas nos permite entender que, por mais importante e crucial que seja o trabalho do jornalista em informar e dar visibilidade aos fatos, é preciso ter em mente que as notícias são recortes e representações da realidade pensados e produzidos com alguma intencionalidade.

3. TELEJORNALISMO NO BRASIL E IDENTIDADE

Quando pensamos sobre o significado da palavra “identidade”, é possível chegar a diversas constatações: características que nos tornam únicos ou que nos inserem em grupos sociais, sentimentos de pertencimento ou exclusão. Para o dicionário, a palavra tem a ver com igualdade e singularidade; já para áreas da sociologia e antropologia, questões como cultura, história e língua são chaves para discutir a temática. Se



considerarmos a etimologia⁹ da palavra, identidade vem do latim *identitate* que significa qualidade daquilo que é idêntico ou conjunto próprios de uma pessoa como nome, sexo e impressões digitais, por exemplo.

Enfim, tomaremos como aceitável dizer que identidade, na maioria dos casos, está relacionada às características individuais e/ou coletivas dos seres. Mas que características são essas? E quem define como elas se aplicarão no mundo da vida? Se formos pelo caminho mais simples, identidade é um conjunto de informações que nos identificam e que são organizadas pelos órgãos e instituições e pela cultura local. O Registro Geral (RG), o Cadastro de Pessoa Física (CPF) e outras documentações possuem cadastro individual e intransferível e são instrumentos jurídicos que nos identificam enquanto cidadãos. Nessa perspectiva, identidade antecede o nascimento: um bebê, ainda na barriga da mãe, com nome e planos de vida escolhidos, já tem seus primeiros traços identitários.

Quem nasce no Brasil tem como parte de sua identidade a nacionalidade brasileira, ou pelo menos essa é a ideia oferecida pelo senso comum. Mas somente isso não esclarece nada o questionamento inicial sobre o significado do termo. O fato de uma criança nascer no Brasil não diz muito sobre quem ela é ou será. Não se pode ignorar o fato do indivíduo não estar solto num vácuo sem interferência de forças externas, como família, amigos e comunidade onde cresceu. Esses fatores também têm peso na formação de identidade.

Stuart Hall (2006) define então três concepções de identidade, duas delas bastante interessantes para nossa discussão. A primeira delas é concepção de identidade do Sujeito Sociológico que, em suma, seria uma concepção “mais completa” de identidade. Nessa ideia, as características individuais somadas a fatores externos (família, comunidade, escola etc.) são o que definem a questão identitária. A identidade é construída ao longo do tempo, a partir de relações de afetividade que fortalecem a sensação de pertencimento a algum lugar.

Contudo, uma outra concepção de identidade é a do Sujeito Pós-moderno. Para Hall (2006, p. 13), dentro de nós há diferentes identidades que mudam ao longo do espaço e do tempo. Em um mundo amplamente globalizado, não somente as relações

⁹ Etimologia é um campo de estudo da linguística (disciplina) que pesquisa e estuda a origem e evolução das palavras (Fonte: Dicionário Oxford Languages)



interpessoais presenciais e locais são definidoras. Nascemos em um mundo repleto de produtos e culturas que são exportadas e importadas, em um fluxo contínuo e ininterrupto. A relação do sujeito com as mídias digitais, além do mais, interferem mais ainda na construção da contradição identitária que não é fixa, “empurrando em diferentes direções, (...) que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (Hall, 2006, p. 13).

Não cabe aqui afirmar se essa concepção é boa ou não, apenas serve para constatar uma realidade atual que deve ser levada em consideração. Como foi falado no tópico anterior, a televisão chega no Brasil em um contexto muito oportuno: uma tecnologia inovadora capaz de exibir para um número exorbitante de telespectadores um mesmo conteúdo, produzido de um único local. Torna-se ainda mais fácil, a partir do que se defendia nas teorias dos meios de comunicação de massa¹⁰, trabalhar na criação de uma cultura nacional (Hall, 2006).

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre "a nação", sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (Hall, 2006, p. 50-51)

“Cultura nacional” trata-se de um discurso pautado no eurocentrismo/imperialismo (Hall, 2006). Ora, utilizar do poder de visibilidade dos meios de comunicação em produzir e exibir produtos midiáticos para uma imensidão de pessoas ao mesmo tempo e difundir uma ideia de cultura nacional, para que todos os brasileiros tenham suas identidades compartilhadas em um ideal de nação tem sido o papel da televisão. Claro que não se pode esquecer que essa hipótese de que todos os telespectadores recebem a mesma mensagem da mesma maneira é uma teoria há muito superada pelos avanços em pesquisas na área¹¹.

¹⁰ “Mass communication research” ou teorias da comunicação de massa foi uma das primeiras vertentes de pesquisa na área da Comunicação, que teve início na década de 1920 nos Estados Unidos. As teorias eram focadas na interação entre os meios de comunicação e no comportamento das pessoas. (Fonte: Marta Maia). Disponível em: <https://martamaia.pro.br/>. Acesso em: 04 out. 2024.

¹¹ A teoria hipodérmica, também conhecida como “teoria da bala mágica”, foi uma das primeiras teorias comunicacionais criadas dentro das teorias de comunicação de massa e defendia a ação passiva dos



Mas o que isso tudo tem a ver com (tele)jornalismo? Bom, pensar nas construções simbólicas que os veículos de comunicação atrelam às histórias exibidas em rede tem tudo a ver com identidade. Para este trabalho em questão, é imprescindível que esteja claro que a notícia, dentro do sistema capitalista global, é um produto a ser comercializado como qualquer outro (Medina, 1978). A lógica da “cultura nacional” é uma ferramenta estratégica comercial também, o que nos leva a outro conceito importante de Stuart Hall (2006): hegemonia cultural.

Hall (2006, p. 59-60) critica a ideia de uma cultura nacional porque ela se estabelece como uma “estrutura de poder cultural”. O autor pontua que a maioria das nações somente foram unificadas por causa de um processo violento de conquista, que “subjugou povos conquistados e suas culturas, costumes, línguas e tradições, e tentou impor uma hegemonia cultural mais unificada” (Hall, 2006, p. 60). Portanto, é crucial problematizar o fazer jornalismo dos veículos de comunicação “de massa”, por mais que as reportagens sobre os indígenas que vivem na Amazônia, a priori, ofereçam visibilidade aos povos originários, a linha editorial desses programas acompanha os ideais de seus donos.

O telejornalismo brasileiro passou por muitas mudanças desde a implementação da TV (Mello, 2009). Os primeiros programas jornalísticos na televisão não tiveram uma boa recepção dos telespectadores da época, visto que o maior interesse do público, como já comentamos no tópico anterior, era mais elitista. Mas os investimentos em novos formatos e linguagens favoreceram o crescimento do modelo informativo na TV. Cremilda Medina (1978) explica que a informação torna-se um produto à venda no cenário industrial que se fortalecia, pois se enquadra na “informação jornalística como produto de comunicação de massa, comunicação de massa como indústria cultural e indústria cultural como fenômeno da sociedade urbana e industrializada” (Medina, 1978, p. 16).

Guilherme Rezende (2000), em diálogo com outros autores da temática, destaca como o sucesso da televisão no Brasil – mas não um fenômeno exclusivo brasileiro – tem mais a ver com o ato de assistir TV do que com a programação que está

receptores das mensagens emitidas pelos veículos de comunicação. Essa teoria coincide com o período das duas guerras mundiais, o que propiciou a ideia de que todo receptor é atingido pela mensagem igualmente.



sendo exibida. “Essa ação hipnótica exercida pela TV pode fazer com que um telespectador (...)passe toda uma tarde ligado em um fluxo de imagens de gêneros de programas diferentes” (Rezende, 2000, p. 31). Podemos supor, se fizermos uma reflexão rápida sobre essa assertiva, que o vídeo tem realmente essa ação hipnótica, não só em relação à televisão; é só vermos a quantidade de tempo que passamos navegando pelas mídias digitais.

Daí chegamos ao destaque da Rede Globo, que implementou um “padrão global” (Mello, 2009). A Rede Globo foi a emissora que mais se beneficiou com os avanços tecnológicos, tornando-se a emissora que definiu as normas de se fazer telejornalismo no Brasil. De acordo com Mello (2009), foi o jornalismo da Rede Globo que atrelou o texto à imagem, retirando de cena a lógica radiofônica das produções jornalísticas da TV. Dois programas desse período são de extrema importância para as mudanças acontecerem: o Jornal Nacional, que estreou em 1º de setembro de 1969, e o Fantástico, programa analisado neste trabalho, em 5 de agosto de 1973.

Portanto, por mais que o trabalho do jornalista seja o de mostrar o acontecimento (França, 2012) da forma mais completa possível, ele também utiliza de meios de averiguação mais ou menos superficiais para a montagem da notícia e precisa decidir o que narrar (Traquina, 2005b). Somando essa prerrogativa junto ao fato de que toda narrativa possui uma intencionalidade de quem narra, é preciso problematizar o conteúdo telejornalístico e o seu discurso para que possamos compreender como estão as continuidades do processo de narrar a Amazônia através do jornalismo da Rede Globo nos últimos anos.

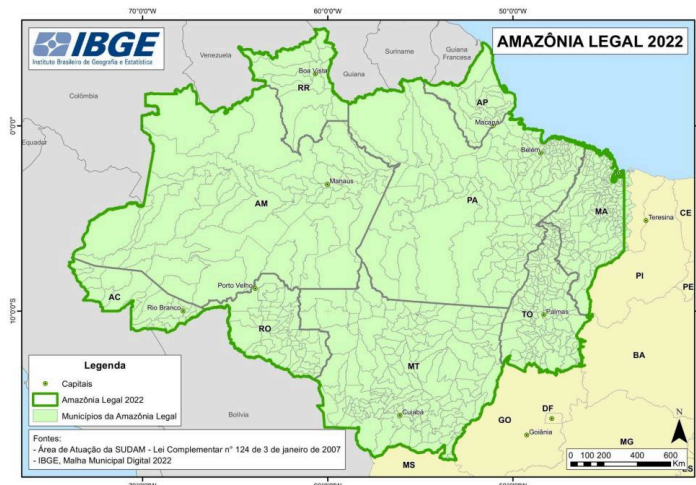
4. AMAZÔNIA E INDÍGENAS

Agora que sabemos que a informação é vista como uma mercadoria voltada para o lucro dentro do contexto industrial que se intensificou exponencialmente ao longo dos anos e que a TV, como veículo de comunicação, é recheada de interesses políticos e econômicos que lutam pelo poder de controle do conteúdos exibidos em rede, fica mais fácil perceber algumas estratégias utilizadas pelos produtores de notícia sobre a Amazônia e seus conterrâneos. Como a Amazônia é representada pelos meios de comunicação de massa? O que é a Amazônia para eles e quais significados são atrelados

ao evocar esse termo? É preciso entender, nesse ponto da discussão, que não existe somente uma Amazônia, principalmente tratando-se de comunidades tradicionais.

A Amazônia é a maior floresta tropical, com uma das maiores biodiversidades do mundo, mas a Amazônia também pode ser a localidade delimitada por Lei para atuação do SUDAM¹² que corresponde aos oito estados do Norte do Brasil mais a parte oeste do Maranhão conhecida como Amazônia Legal (Figura 1). A área da Amazônia Legal ocupa quase 59% do território brasileiro¹³. Podemos identificar a Amazônia também com a separação das Unidades Federativas da região Norte, suas organizações políticas e socioeconômicas, além da parte da Amazônia que está em território estrangeiro. Ou seja, como podemos ver, não é possível dar cabo da complexidade da região, no entanto, desde a chegada dos europeus a Amazônia vem sendo representada das mais diversas formas (Bueno, 2008).

Figura 1 – Mapa da Amazônia Legal



(Fonte: IBGE)¹⁴

Bueno (2008) mostra que a formação de uma visão sobre a Amazônia, assim como foi feita por viajantes e escritores a partir do século XVI, os meios de

¹² Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia.

¹³ Os dados são do Censo de 2022 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/informacoes-ambientais/geologia/>. Acesso em 04 out. 2024.

¹⁴ Disponível em https://geoftp.ibge.gov.br/organizacao_do_territorio/estrutura_territorial/. Acesso em: 04 out. 2024



comunicação também passaram a representar a região. A Amazônia é constantemente narrada pelos veículos de comunicação como uma área ameaçada (Bueno, 2008, p. 83). Nas reportagens telejornalísticas, o que prevalece é a floresta, todas as particularidades locais, como divisões políticas, são postas de lado em relação à mata verde (Costa, 2022). Esse é o grande problema das representações midiáticas: elas representam superficialmente.

Costa (2022), em suas considerações finais da obra “À sombra da floresta: a Amazônia no jornalismo de televisão”, comenta sobre o fato da produção telejornalística sempre reiterar estereótipos em suas narrativas, reforçando o mesmo discurso sobre uma Amazônia exótica, distante e desconhecida. O jornalista que narra a região busca as mesmas vozes e mesmas histórias já exploradas, deixando de lado a pluralidade e diversidade das histórias das pessoas que vivem nela.

O jornalismo das grandes empresas de comunicação brasileiras, centralizado espacial e politicamente, não vislumbra a valorização da pluralidade cultural, ao contrário, o valor do “outro” vira estereótipo. A diferença concentra-se no poder da autoridade cultural e de sua tentativa de manter o domínio e a supremacia, problematizando a divisão entre o passado e presente, arcaico e moderno. (Costa, 2022, p. 236)

A Amazônia, desde a “Conquista” de 1500, foi palco de interesses e de especulações. Nas últimas décadas, nunca se falou tanto sobre a Amazônia (Heck; Loebens; Carvalho, 2005): “pulmão do mundo”, “inferno verde”, “maior biodiversidade”, entre outras coisas. No entanto, a região é vista a partir de olhares genéricos, quase nunca levando em consideração que na Amazônia existe uma gama de diversidade demográfica e cultural. Como visto nos tópicos anteriores, a mídia hegemônica do país, com seus horizontes voltados para o sudeste, tende a organizar discursivamente um conceito de Amazônia pautado na invisibilidade. Pouco importa nossa organização social e política e a pluralidade cultural da região.

Conforme explicita Costa (2022), o jornalismo de TV exibido em rede nacional está em constante reafirmação de narrar a região como um “vazio demográfico” ou como uma “extensa floresta densa e desabitada”. Comentamos no tópico anterior que todas as reportagens analisadas exibiam recursos gráficos de mapas e infográficos para mostrar a grande distância da Amazônia. Esse discurso nas narrativas sobre a região



reforça no imaginário dos telespectadores – ou pelo menos tenta – a ideia de que tudo na Amazônia possui distâncias extraordinárias, rodeado de florestas e rios. Além disso, impera-se nos discursos jornalísticos, conforme afirma Bueno (2008), a necessidade de salvar a Amazônia e salvar seus residentes do perigo do progresso moderno ocidental.

Vânia Costa (2022), ressalta:

Na oferta discursiva sobre o Norte do País, o que sobressai é a floresta. A divisão política é apagada. Os Estados da região são representados em sua relação com a “selva”, ora como guardiões da memória e da mata, ora como palco de ilegalidades, conflitos e denúncia, ou ainda como palco de experiências para o desenvolvimento sustentável e a preservação. (Costa, 2022, p. 138)

Percebemos, então, como a Amazônia é narrada no telejornalismo de rede. Amazônia como uma entidade imaginada, um extenso pedaço de terra verde repleta de maravilhas exuberantes e espécies fantásticas. Quando vemos algo diferente desse padrão, este segue outro padrão já pré-estabelecido, o de defensores da floresta ou denúncias de fraudes, tráfico e má-gestão governamental.

Jecupé (1998, p. 19) diz que os indígenas possuem “nomes que pulsam no chão dessa terra chamada Brasil”, e que carregam a memória ancestral dos que caminhavam com a floresta e os rios. “Índio” é um estereótipo, uma ideia fixa que enxerga um povo que parou no tempo. O discurso colonial, para Bhabha (1998), utiliza o estereótipo como principal ferramenta de construção de significados, que se sustenta na fixidez da identificação. O que isso quer dizer? Bom, o estereótipo é a formulação discursiva de características imutáveis do colonizador sobre o colonizado, é importante salientar que o estereótipo se baseia em preconceitos: o negro tem mais força e menos capacidade cognitiva, foi o discurso principal para legitimar a escravidão.

Então chegamos aos indígenas da Amazônia. De acordo com as pesquisas de Heck; Loebens; Carvalho (2005), a população indígena da região pré-1500 era entre três a cinco milhões de pessoas. Nos dias atuais, a população indígena foi reduzida a menos da metade disso, com suas terras roubadas e etnias apagadas. Em menos de um século, os indígenas na Amazônia passaram de maioria para minoria populacional¹⁵. Nas

¹⁵ No livro “Índios na Amazônia” de Carlos Moreira Neto (1988), é detalhado os eventos que ocorreram durante 1750 a 1850 que contribuíram para o agravamento da situação das comunidades indígenas da região, desde questões de saúde como a epidemia de sarampo a conflitos armados que causaram o extermínio de tapuios que participaram da Cabanagem.



décadas de 1960 a 1970, com a integração da Amazônia criada com a abertura de estradas que ligavam a região com o resto do país, muitas comunidades indígenas tiveram que enfrentar outro massacre (Heck, Loebens; Carvalho, 2005). Entramos, então, em uma contradição paradoxal do discurso sobre a Amazônia: ao mesmo tempo que a mídia reforça que a região necessita de proteção e desenvolvimento, esse desenvolvimento surge com políticas que não são pensadas para benefício de comunidades originárias e tradicionais.

Claro que não podemos, nesse viés, colocar a população indígena, assim como outras comunidades tradicionais, como meras vítimas de um massacre sem precedentes. Não existe vitória sem luta, e a população indígena não permitiu ser vencida completamente. O filósofo Ailton Krenak (2022), em sua obra “Futuro Ancestral”, afirma que os indígenas insurgiram para eliminar seus algozes, destacando o surgimento da Aliança dos Povos da Floresta, entidade política que defende os direitos indígenas.

5. O SHOW DA VIDA: FANTÁSTICO E O PERCURSO DE PESQUISA

Em meio a tantos outros programas e produtos jornalísticos, o Fantástico se destaca como uma revista eletrônica (Rocha; Aucar, 2011) que propõe, desde sua fundação, criar um “painel dominical, visualmente sofisticado, para reunir shows de humor, teleteatros, musicais, jornalismo, documentários e reportagens internacionais, com um cardápio variado de temas” (Rocha; Aucar, 2011). O Fantástico, com seu subtítulo “O Show da Vida”, foi ao ar pela primeira vez em agosto de 1973, trazendo em sua grade justamente o que seu nome sugeria: um show. Essa se tornaria a tendência no jornalismo mercadológico nacional, pautar histórias dignas de um espetáculo, unindo fato com ficção (Rocha; Aucar, 2011). A informação, principal produto jornalístico, com o surgimento desse novo modelo de produção, torna-se um objeto de consumo.

O Fantástico é um dos programas brasileiros de maior importância para a televisão até os dias atuais, mesmo com o advento da internet em meados da década de 1990 e da explosão das mídias digitais nas décadas seguintes, visto que os resultados de audiência do programa permanecem altos. O Fantástico mantém-se somente em 2024



com uma média que varia entre 17.0 a 18.5 pontos de audiência domiciliar no país¹⁶. De acordo com as informações do Painel Nacional de Televisão do instituto Kantar IBOPE Media, 1 ponto de audiência indica o alcance dos programas a mais de 260 mil domicílios ou a 717 mil indivíduos.

O nome excêntrico “Fantástico: O Show da Vida” não foi à toa. O programa surgiu para substituir o seu antecessor das noites de domingo, o programa jornalístico “Só o amor constrói”, que durou apenas seis meses na grade de programação da Rede Globo. José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, mais conhecido como Boni, criou o Fantástico a partir de referências de modelos editoriais que ganharam força nas primeiras décadas do século XX, os chamados tabloides (Rocha; Aucar, 2011).

Como dito anteriormente, a notícia torna-se produto nesta nova lógica de fazer jornalismo, os veículos de comunicação aproveitam o destaque que as imagens em movimento ganham com a chegada da TV. Rocha e Aucar (2011) escrevem que “com a grande produção de material visual e novas tecnologias, o mercado editorial foi inundado por imagens que encantavam o público consumidor”. O programa Fantástico foi estabelecido com esses moldes no início da década de 1970 e, mesmo com significativas mudanças em seu formato e linguagem, permanece assim até os dias atuais. É importante lembrar que o Fantástico surge em meio às fortes restrições de liberdades individuais e coletivas impostas pelo governo militar.¹⁷

Mesmo após cinco décadas, a revista eletrônica se mantém na mesma linha original do programa, ainda que quadros e formatos tenham sido criados e alterados durante sua existência. Nesse contexto, o Fantástico se tornou rapidamente um dos produtos mais familiares do público (Rocha; Aucar, 2011). Temos, então, o seguinte cenário: um programa pautado no jornalismo, mas sustentado na espetacularização (Carvalho, 2010), que tornou-se um dos mais importantes da história da televisão

¹⁶ Fonte: Kantar IBOPE Media - Pesquisa de Audiência TV PNT TOP 10. Disponível em: <https://kantaribopemedia.com/conteudo/tipo-dado/audiencia-tv-pnt-top-10/>. Acesso em: 02 out. 2024

¹⁷ O Ato Institucional número 5, decretado no final de 1968 pelo governo de Costa e Silva, funcionava ainda em pleno vapor, censurando o máximo de conteúdos que eram considerados contra o regime da época. Rocha e Aucar (2011) destacam que o Fantástico, ainda que tenha surgido propondo linguagens e formatos diferentes do jornalismo tradicional, não foi isento das censuras do AI5, tendo vezes que foi preciso recorrer a conteúdos musicais e artísticos devido ao corte de matérias em cima da hora do programa ir ao ar.



brasileira e que, inclusive, foi utilizado como espelho para a criação de programas semelhantes em outros países como Espanha e Itália (Rocha; Aucar, 2011).

O telespectador do Fantástico sabe que vai ter uma noite de domingo agradável, ainda que os fatos do dia não sejam amenos. Entre uma ou outra notícia mais áspera, os gols da noite ou um musical dão o aspecto de uma programação leve e prazerosa, capaz de alcançar um maior número de pessoas. Assim, a lógica das sensações e misturas entre realidade e ficção traduz a linha editorial do programa oferecendo ao público um cardápio variado de temas, que vão desde a última descoberta científica aos shows de humor. Essa condução valoriza as nuances da magia, do espetáculo e do sensacional. (Rocha; Aucar, 2011, p. 55)

Mas o que seria “espetáculo”? E por que atrelar esse termo à produção telejornalística é tão sensível? Jorge Carvalho (2010), em seu ensaio sobre a “espetacularização das culturas populares da América Latina” define o termo como a operação de transformar em espetáculo um evento de um grupo ou comunidade para outros grupos desvinculados da comunidade de origem. Esse processo data de milhares de anos, como os espetáculos no Coliseu do Império Romano ou a perseguição da Igreja Católica durante a Inquisição. Carvalho (2010, p. 48) diz que a espetacularização é uma ação típica da sociedade de massas. Com o advento de novas tecnologias, essa operacionalização ultrapassou os limites das instituições públicas e privadas, chegando em “aspectos mais privados da vida individual e em sociedade” (Carvalho, 2010, p. 48).

Voltamos à questão do jornalismo mercadológico que ganhou força ainda no século XIX, sendo ainda mais explorado com a chegada da televisão (Freire Filho, 2004). A proposta do Fantástico foi um sucesso, por isso sua existência perdura tantas décadas. Dessa forma, as narrativas dentro das reportagens do programa, consequentemente, terão como grande pilar esse modelo de produção. Tendo isso em mente, justifica-se a razão para que tomemos o conteúdo do programa como base de análise para compreender as narrativas jornalísticas sobre a região Amazônica e refletir sobre o que esses conteúdos podem significar quanto à forma como a Amazônia é vista nacionalmente.

Com essas questões bem esclarecidas, seguiremos para o arcabouço metodológico utilizado na pesquisa. Este trabalho se apresenta como uma tentativa de continuidade da tese de doutorado de Vânia Torres Costa, que analisou séries de reportagens da Rede Globo de Televisão que tinham como foco temático sujeitos amazônidas no período de 2006 a 2010. Nesse viés, realizamos inicialmente pesquisa

exploratória para encontrar focos temáticos dentro do programa Fantástico. A pesquisa exploratória foi importantíssima, pois ela proporciona mais informações sobre o assunto e ajuda a delimitar o tema proposto (Andrade *apud* Raupp; Beuren, 2006). O período de análise escolhido vai de 2012 a 2022, com uma matéria por ano, totalizando nove registros (Quadro 1), tendo em vista que não foram encontradas reportagens com pessoas indígenas como foco principal nos anos de 2013 e 2018.

Quadro 1 – Reportagens selecionadas

2012	Índias da tribo Kamayurá mantém rito de passagem para a vida adulta (21-12-2012 07'24'') https://globoplay.globo.com/v/1417584/ (Factual)
2014	Prática tradicional de etnias indígenas em Roraima que matam os bebês recém-nascidos que possuem algum tipo de deficiência (07-12-2014 16'38'') https://globoplay.globo.com/v/3815997 (Especial)
2015	Etnia Awá, no noroeste do Maranhão, é considerada a mais ameaçada de extinção do mundo por causa de ameaças e violência cometida por madeireiros ilegais (15-03-2015 11'57'') https://globoplay.globo.com/v/4037147 (Especial)
2016	Poligamia permitida em tribo indígena Kamayurá (15-10-2016 05'56'') https://globoplay.globo.com/v/2802825/ (Factual)
2017	Adolescentes indígenas da tribo Kamayurá, do Alto Xingu, são isoladas do convívio da aldeia ao menstruar pela primeira vez (07-04-2017 05'34'') https://globoplay.globo.com/v/2802809/ (Factual)
2019	Cacique Raoni Metuktire responde falas do presidente Jair Bolsonaro sobre ele na Assembleia-Geral da ONU (29-09-2019 08'14'') https://globoplay.globo.com/v/7960810 (Factual)
2020	Força-tarefa do Greenpeace leva socorro à região com maior número de indígenas mortos e infectados pela Covid-19 (21-06-2020 07'01'') https://globoplay.globo.com/v/8641743 (Factual)
2021	Situação dos Yanomamis e a denúncia das lideranças indígenas pela decisão da Funai de barrar a entrada de equipe da Fiocruz em terra indígena (29-11-2021 02'45'') https://globoplay.globo.com/v/10060413 (Factual)
2022	Vale do Javari, no Amazonas, se tornou um dos lugares mais

perigosos por causa das invasões de garimpeiros, caçadores e pescadores ilegais em terras indígenas (12-06-2022 | 09'05")
<https://globoplay.globo.com/v/10662209> (Especial)

A escolha por analisar reportagens que tenham sujeitos indígenas da região Amazônica como atores principais deu-se pela quantidade interessante dos materiais coletados. Como resultado inicial, das temáticas que envolviam a Amazônia dentro da grade de programação do Fantástico, as principais estavam relacionadas a conflitos referentes ao desmatamento e à mineração, além de retratar a “luta dos defensores da floresta”, título dado aos indígenas na maioria das reportagens. Buscamos conteúdos em três locais diferentes: a) Globoplay, b) Acervo Globo e c) Perfil no Twitter/X do Fantástico (@showdavid).

As reportagens foram divididas a partir dos formatos, sendo: reportagens especiais (com mais de nove minutos de duração) e matérias factuais (com menos de nove minutos de duração). Escolhemos o método de análise do discurso a partir de Costa (2022), que toma a imagem, o texto e o som como recursos indispensáveis para narrar dentro das produções telejornalísticas. Nesse sentido, Costa (2022) elaborou um quadro para facilitar o processo de análise (Quadro 2). É importante que sejam verificados os recursos disponíveis na reportagem para que se chegue em resultados concisos e bem estruturados.

Quadro 2 – Tabela de transcrição

TRANSCRIÇÃO					
DIMENSÃO VERBAL E AUDIOVISUAL					
Locutor (quem fala)	Sequência discursiva	Locução e sonorização	Recurso gráfico	Planos e enquadramentos	
				Sujeitos	Cenário

Conforme a tabela elaborada por Costa (2022), é possível transcrever todos os recursos dentro da reportagem para analisá-los separadamente, facilitando uma visão mais detalhada do conteúdo narrativo. Deve-se lembrar que narrativa é tudo aquilo utilizado para contar uma história (Motta, 2013), seja um texto escrito, uma música,

uma fotografia etc. Para o vídeo, onde há uma junção de linguagens, torna-se necessário separá-las para poder entender os seus significados.

Ademais, explicaremos resumidamente como é feita a transcrição seguindo a tabela acima. Na coluna “Locutor”, é disponível o espaço para descrever o sujeito que fala, como o repórter e o apresentador do programa analisado. A segunda coluna, “Sequência discursiva”, é justamente onde transcrevemos toda a fala da reportagem, ou seja, tudo que o repórter, apresentador, entrevistados, etc. falarem serão transcritos nesta coluna. Para as colunas “Locução e sonorização” e “Recurso gráfico”, deve-se informar sobre músicas, trilha sonora, ausência de som (que também é passível de análise), infográficos, tabelas, mapas, entre outras ferramentas técnicas. As colunas de “Planos e enquadramentos” são para descrever os sujeitos que aparecem no vídeo e o cenário das imagens.

E aonde queremos chegar com isso? Qual a importância de analisar as produções do telejornalismo hegemônico sobre a região Amazônica? Melhor ainda: sobre pessoas indígenas da região Amazônica. Bom, nossa discussão neste trabalho percorreu um trajeto que nos coloca nessa posição. Pensar identidade e telejornalismo e em como ambos estão intrinsecamente interligados, nos leva a pensar sobre comunidades que estão na margem dessa discussão. A Amazônia sempre foi central nas conferências globais, mas a Amazônia não é um espaço vazio, há uma diversidade de comunidades e organizações, e precisamos problematizar a maneira como os amazônidas são vistos e narrados através dos meios de comunicação e exibidos para o resto do mundo.

6. RESULTADOS DE PESQUISA E ANÁLISE DOS DADOS

Ao longo da observação dos materiais transcritos, elaboramos categorias de análise para facilitar nossa reflexão. Do total, cinco categorias foram criadas para a análise deste trabalho, são elas: 1) Floresta como centro narrativo, deixando os sujeitos e suas histórias em segundo plano, 2) Exótico, estranhamento cultural do “outro” diferente narrado, 3) Salvacionismo, vitimização dos sujeitos indígenas em relação aos conflitos da região, 4) Extensão Territorial tendo foco no tamanho da região, exacerbando suas distâncias e 3) Estereótipo que limita os sujeitos em características pré-concebidas.

As cinco categorias estão presentes em todas as reportagens analisadas, mesmo que pelo menos uma delas. Na maioria dos casos, elas estão presentes nas falas dos repórteres em *off*¹⁸ ou nas imagens em tela. Tomamos aqui como categoria os conjuntos textuais que expressam significados semelhantes, em suma são palavras ou ideias que se repetem, como o termo “defensores da floresta” que se encaixa na categoria Exótico, por exemplo. Essa categorização foi realizada após leitura da transcrição dos materiais coletados.

Nas reportagens analisadas, todas elas possuíam um recurso gráfico em comum: quando os repórteres indicavam onde estavam, utilizavam um mapa ou infográfico para mostrar a distância entre um ponto e outro. Sem problematização desse fato, diríamos que é somente um recurso para informar melhor os telespectadores, no entanto, como explica Foucault (2008), o discurso se dissipa e se multiplica através da repetição.

Não é legítimo, pois, indagar à queima-roupa, aos textos que estudamos, sobre seu valor de originalidade e sobre os fragmentos de nobreza que se medem aqui na ausência de ancestrais. A indagação só pode ter sentido em séries muito exatamente definidas, em conjuntos cujos limites e domínio foram estabelecidos, entre marcos que limitam campos discursivos suficientemente homogêneos. (Foucault, 2008, p. 162)

A máxima da propaganda nazista durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) era “uma mentira contada mil vezes torna-se verdade”¹⁹, pois é dessa forma que o discurso ideológico funciona. Há sempre uma repetição na forma como são construídas informações sobre a Amazônia – “uma imensidão verde!”, “uma região que precisa de proteção!” – e sobre comunidades indígenas – “defensores da floresta”, “povos isolados” O discurso presente nas narrativas jornalísticas hegemônicas favorecem uma ideia fixa e imutável da região, o que Bhabha (1998) vai conceituar como estereótipo. E o estereótipo se permuta entre veículo de comunicação e espectadores, em um ciclo perigoso de significados e significações.

¹⁸ *Off* é a voz que está ausente da cena, quando o apresentador, repórter ou entrevistado falam, mas não aparecem. Suas vozes são cobertas por outras imagens. (Fonte: Glossário de Costa, 2022).

¹⁹ Essa frase é atribuída ao Ministro de Propaganda do governo de Hitler, Joseph Goebbels, político alemão que teve grande papel nas políticas genocidas do partido Nazista (Fonte: BBC News Brasil). Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51071094>. Acesso em 06 out. 2024.

A seguir, passaremos à análise das reportagens a partir das categorias identificadas:

6.1. Floresta

A categoria “Floresta” está presente em todas as reportagens analisadas. Observamos que as narrativas produzidas estão constantemente se referindo aos grandes rios, às árvores densas e exuberantes. Os sujeitos estão limitados à floresta, quase como reféns de uma Natureza impenetrável. A transcrição e análise dos materiais coletados confirmam o que já discutimos durante todo este trabalho, os indígenas são vistos pelos veículos de comunicação como seres indissociáveis da floresta (Bueno, 2012). Não há dúvidas que existem pessoas indígenas em todos os lugares, tanto na cidade quanto nas aldeias, exercendo todo tipo de atividade, mas essa narrativa não parece ser chamativa para a grade dos telejornais nacionais.

Na reportagem exibida em 21 de dezembro de 2012, a floresta é mostrada do alto, filmada dentro de um avião (Imagem 1). A repórter Beatriz Castro retoma o que a imagem já mostra: “sobrevoamos uma imensidão verde”. Logo após afirma que “a mata é terra indígena.” A narrativa jornalística sobre a Amazônia está constantemente produzindo histórias sobre a mesma coisa (Costa, 2011), mostrar as mesmas imagens de árvores e rios que são fartos nos veículos de comunicação.

Imagem 1 – Reportagem sobre rito de passagem da tribo Kamayurá



Fonte: Fantástico (Globoplay)

O interessante sobre a categoria “Floresta” nas matérias analisadas é perceber que ela pouco ou nada tem a ver com o contexto da narrativa. O foco principal da reportagem exibida em dezembro de 2012 gira em torno do rito de passagem das moças Kamayurás para a vida adulta, na qual elas ficam separadas do resto da comunidade, aprendendo com as mulheres mais velhas da família as atividades que irão desempenhar. Contudo, a construção discursiva incide na relação dos indígenas com a natureza.

6.2. Exótico

“Seguimos para uma aldeia da tribo Awá”. É assim que a repórter Bette Lucchese começa a contar a história de Irohoa, um jovem indígena da etnia Awá, no noroeste do Maranhão. O percurso de barco, a caminhada entre as árvores, seguindo o mesmo padrão já conhecido da produção noticiosa sobre comunidades tradicionais. Costa (2011, p. 252) diz que as narrativas no jornalismo de televisão, a partir de um modelo do telespectador padrão, devem estar na “ordem do não visto e do não sabido”. Toda narrativa é desconhecida e fantástica, o que justifica moldar seus personagens para que caibam na notícia.

Então Bette continua a descrever Irohoa: “Pela primeira vez uma equipe de televisão foi autorizada a chegar tão perto de um índio que, até alguns dias atrás, nunca havia feito contato com a civilização” (Imagem 2). A descrição das comunidades indígenas no telejornal se estabelece em uma relação desproporcional entre a lógica do “Eu” civilizado e do “Outro” animalesco (Hall, 2016). No mundo das representações, Hall (2016, p. 335) vai nos mostrar que essa lógica chega ao Novo Mundo com a expansão e exploração dos europeus, que utilizaram da própria cultura e ideias para descrever os povos que viviam do outro lado do Atlântico. Dessa forma, podemos perceber o exercício de poder com o discurso que narra o indígena como algo “diferente”.

Imagem 2 – Reportagem sobre etnia Awá no noroeste do Maranhão



Fonte: Fantástico (Globoplay)

A reportagem especial sobre a etnia Awá, “a mais ameaçada de extinção do mundo”, foi exibida no dia 15 de março de 2015. O mesmo discurso que reforça estereótipos é recorrente nesse material. Stuart Hall (2016, p. 333) diz que o discurso é um conjunto de afirmações que geram conhecimento de interesse de uma classe particular. O questionamento que fica é para qual classe particular é interessante que Bette Lucchese diga que Irohoa Awá têm “aparência rude” ou que ele ainda “não se acostumou a usar roupas”.

Para Costa (2011), extrair o exótico da região, para os jornalistas, serve como ajuda para dar visibilidade à diversidade do Brasil. Mostrar o que você nunca viu, no

entanto, reforça uma lógica de separação da cultura “deles” (os indígenas) e da “nossa” (espectadores). A situação das pessoas da etnia Awá é posta como uma cena de filme fantástica: são utilizados elementos gráficos e sonoros que remetem à luta, indígenas usando arco e flecha e outros recursos audiovisuais que mistificam os sujeitos.

6.3. Salvacionismo

Tratando-se de narrativas sobre pessoas indígenas, o jornalismo hegemônico tenta sempre oferecer a ideia de dar visibilidade ao assunto e às pessoas indígenas. No caso da reportagem exibida em 07 de dezembro de 2014 com a temática do infanticídio em aldeias indígenas de Roraima e do Amapá, há sempre a articulação de pôr as crianças indígenas como vítimas que precisam de proteção de um monstro cruel (Imagem 3). Histórias invisíveis que o jornalista tem como objetivo tornar visível (Costa, 2022). “Mas, ao dizê-lo como ‘invisível’ e trazê-lo à visibilidade, termina por invisibilizá-lo ainda mais” (Costa, 2022, p. 204).

Imagem 3– Reportagem sobre o infanticídio em terras indígenas



Fonte: Fantástico (Globoplay)

A história de Muwaji Suruwaha é contada no final da reportagem sobre o infanticídio em terras indígenas. Uma mulher que, para salvar a filha que nasceu com uma deficiência física, foge de sua aldeia e se muda para a cidade. Muwaji, um ano após essa reportagem, mais ou menos, chegou a pedir que ficassem com sua filha para ela

poder voltar para sua aldeia²⁰. O Salvacionismo e o Exótico retornam aqui, visto que durante toda a reportagem vemos uma construção ideológica sutil sobre a temática: matar recém-nascidos com deficiência é cruel? A narrativa tende a ser imparcial e mostrar que há aparatos legais para tal ato, no entanto, a insistência na dor do “Outro”, no sentido de reforçar no vídeo o sofrimento de uma mãe que foge da sua terra natal para salvar a filha, por exemplo, e a utilização excessiva de recursos sonoros dramáticos e cenas mais escuras para complementar a história. Não fica evidente no texto da matéria, podemos perceber o que não é dito: a cultura indígena é violenta, primitiva.

Além da retórica de “tornar visível” aquilo que ninguém está vendo, característica presente em mais da metade das reportagens selecionadas, há também outras ferramentas discursivas na reportagem citada. Em certo momento, ao falar sobre a cultura indígena de matar os bebês que nasceram com algum tipo de deficiência, o repórter Francisco José, diz “uma tradição comum antes mesmo do homem branco chegar por aqui, mas que fica geralmente escondida no meio da floresta”. A fala do repórter se encaixa em três das categorias: Floresta, Estereótipo e Exótico – somado à questão de vitimização do sujeito amazônida (Costa, 2022).

Como parte também dos resultados da análise para este artigo, foi percebido outro fato interessante nas narrativas jornalísticas do Fantástico sobre a Amazônia. A partir do texto, foi possível perceber como o discurso do telejornalismo de rede nacional coloca a região num lugar de perigo, uma região que precisa ser salva. Na mesma reportagem sobre o infanticídio indígena, o repórter destaca como Caracaraí, no interior de Roraima, se tornou o município mais violento do Brasil.

6.4. Extensão territorial

Na reportagem exibida em 21 de junho de 2020 (Imagem 4), também é possível perceber a reiteração no perigo. A chamada da reportagem é sugestiva: “Força-tarefa leva socorro à região com mais índios infectados pelo coronavírus”. O repórter Alexandre Hisayasu, que vive na região Amazônica, acompanha a ajuda comunitária do Greenpeace para indígenas do município São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas. Mas a categoria Floresta e Extensão territorial são marcantes na reportagem,

²⁰ Disponível em: <https://www.atini.org.br/a-dor-de-muwaji/>. Acesso em: 07 out. 2024

focando bastante no itinerário comprido para chegar até a aldeia, com uma abundância de imagens da floresta e dos rios.

Imagem 4 – Sequência narrativa da reportagem sobre ação do Greenpeace



Fonte: Fantástico (Globoplay)

“Fizemos uma *longa* (ênfase na locução) viagem. Saindo de Manaus, são quase 900 quilômetros. E para ir até as aldeias, pegamos um avião de novo. Depois, barco pelo rio Negro... e andamos *muito* (ênfase na locução) dentro da selva amazônica”. É assim que Alexandre Hisayasu conta como chegaram até as aldeias indígenas de São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas. Novamente a Floresta se destaca, os rios se destacam, a distância se distorce em escalas continentais e há sempre um vazio que ecoa por entre as folhagens grossas da Amazônia. “As populações tradicionais relatadas em sua solidão são produzidas diante da grandiosidade da floresta e da condição narrativa jornalística de ver sempre as mesmas coisas” (Costa, 2011, p. 243).

6.5. Estereótipo

Por mais que o telejornalismo do Fantástico tente, ao máximo, se aproximar do ideal da imparcialidade, ainda é possível enxergar através do texto (Costa, 2022) traços de estereótipos nas entrelinhas da narrativa. Um exemplo foram as reportagens sobre o desaparecimento do jornalista britânico Dom Phillips e do indigenista Bruno Pereira em junho de 2022.

Em uma dessas reportagens, exibida em 19 de junho de 2022, é possível perceber a tentativa dos repórteres em dar ênfase na atuação dos indígenas do Vale do Javari. Contudo, a prioridade continua sendo o jornalista europeu e o indigenista desaparecidos. O que gera algo noticiável nessa reportagem é a atuação de Bruno e

Dom em defesa dos indígenas no Vale do Javari, “um dos lugares mais perigosos do Brasil”.

Para os indígenas, resta o papel secundário de pessoas que conhecem muito bem a mata densa da Amazônia. São os indígenas que ajudam as autoridades a caminhar em um ambiente retratado como hostil, uma comunidade primitiva que sabe como sobreviver na mata. Costa (2022), frisa como o texto jornalístico coloca os sujeitos amazônidas em um cenário natural, que representa a harmonia do homem indígena com a floresta ao mesmo tempo que reforça a ausência humana em relação ao vasto território verde.

Imagem 5 – Reportagem sobre o Vale do Javari



Fonte: Fantástico (Globoplay)

No trecho da reportagem representada no *take* acima (Imagem 5), Sônia Bridi diz em *off* “Até quem deveria garantir a segurança dos indígenas, sofre com a falta de segurança”. É, portanto, para o discurso presente nos telejornais em rede, evidente a carência de socorro dos “povos da floresta”. No Vale do Javari, que fica na fronteira com o Peru e a Colômbia, a reportagem apresenta o lugar como um palco de violência, onde o tráfico de drogas e a mineração ilegal entram e se espalham pro resto do país, assim os indígenas são retratados: indivíduos em perigo, à mercê da floresta imensa ao redor.

Os resultados da pesquisa nos levaram a refletir em como a região Amazônica e seus residentes, no caso deste artigo os indígenas e suas práticas culturais, são ainda



vistas como um “outro” (Hall, 2016) diferente e distante. As histórias narradas pelo telejornalismo de rede continuam reforçando estereótipos e colocando os sujeitos amazônidas em uma posição de subalternidade, à margem de uma cultura hegemônica. O discurso sobre a Amazônia, como conclui Costa (2011), está centrado na questão de defesa do território e da soberania nacional do que nas vidas das comunidades tradicionais.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A região Amazônica é uma fonte inesgotável de conteúdo a ser pautado pelo jornalismo de TV exibido em rede nacional, desde interfaces socioculturais à questões ecológicas, políticas e econômicas. Contudo, continuamos em um processo cíclico de reiteração das antigas narrativas, de tirar do velho algo novo para ser produzido. Os telejornais travam uma eterna luta contra o tempo, pois é o tempo a principal fonte rentável no fazer jornalismo (Traquina, 2005b).

Estamos, então, diante do ambiente corporativo das redações dos telejornais. Costa (2022) diz que os telejornais funcionam nessa lógica, “tão logo acabam, perdem sua materialidade”. As notícias são dadas, as imagens são mostradas e a narrativa termina logo em seguida, com outra em seu encaixe. No dia seguinte, novas notícias e novas narrativas, o tempo passa e os jornalistas precisam correr para fechar o *espelho* do programa. O Fantástico, que se traduz como um show da vida, também se mantém neste mesmo ritmo, mesmo tendo mais tempo para produzir seus conteúdos por não ser um programa diário.

As reportagens analisadas durante o período de 2012-2022 nos deram um indicativo sobre as continuidades e inovações no processo de “narrar a Amazônia”. Traçamos um percurso para analisar a narrativa como um objeto construído a partir de estratégias mais ou menos bem elaboradas (Motta, 2013) para contar uma história a partir de um referencial. Um jornalista, assim como todo ser vivo, não é um sujeito à parte da sociedade, toda a sua formação cognitiva veio através de uma eterna relação com o outro (Hall, 2006).

E assim conseguimos enxergar as estratégias discursivas na produção narrativa do jornalismo hegemônico. Tomaz Silva (2005) reflete sobre a questão das identidades; ele percebe que o conceito de identidade somente existe por causa da existência do



conceito de diferença. Tomamos isso como base para observar a forma como o telejornalismo sempre tende a narrar as histórias dos sujeitos amazônidas a partir de visões estereotipadas. Nesse sentido, o telejornalismo oferece uma identidade nacional ao mostrar o diferente: “eles” são indígenas, da Amazônia, na floresta, vítimas de um monstro cruel.

Não necessariamente esse seja o ponto central nessa discussão, até porque não há como comprovar com certeza que a relação “Identidade x Diferença” (Silva, 2005) seja a principal razão do telejornalismo de rede nacional produzir suas narrativas dessa forma, mas é preciso levar a reflexão em consideração. No entanto, conforme afirma Costa (2022), é no discurso de ofertar um “nunca visto antes” sobre a Amazônia que mora o perigo de reafirmação da lógica de “superioridade e inferioridade entre a região Norte e o Brasil”.

O que podemos concluir a partir da análise proposta neste artigo é que o telejornalismo, dentro do cenário mercadológico – inclusive o fazer jornalismo como um todo, precisa ser repensado para que haja uma mudança no paradigma atual. O trabalho do jornalista precisa, sim, ser centrado em trazer a informação o mais rápido possível, mas sem ultrapassar os limites que comprometem a qualidade da informação. A relação entre cultura hegemônica e subalterna provavelmente permanecerá durante as próximas décadas, contudo, alterando minimamente a lógica de “narrar o outro”, pode-se chegar a algum lugar.

Ailton Krenak (2022) ressalta as diferenças nas formas como os indígenas entendem a organização política e sociocultural dos sujeitos. O filósofo explica que os sujeitos já nascem como seres completos, que vão aprendendo suas essências ao longo da vida, mas que não precisam ser moldados em uma fôrma. Em rituais de algumas tribos indígenas, as crianças são apresentadas como seres completos, pois são elas “quem nos informa quem é que chegou ao mundo” (Krenak, 2022). Os saberes tradicionais dos indígenas podem, talvez, nos ajudar a pensar em novas formas de fazer jornalismo, novas formas de enxergar e narrar o outro.

Narrar é um processo natural do ser humano, estamos constantemente contando histórias a partir do nosso conhecimento e compreensão do mundo. O jornalista e seus produtos midiáticos não são diferentes, e podemos concluir que sempre há uma razão para narrar de uma forma e não de outra. A construção da representação de sujeitos

indígenas na Amazônia permanece no ritmo de contar algo novo e desconhecido da mesma maneira, reforçando estereótipos que os colocam como um único povo, uma entidade intrínseca à grandiosa floresta tropical. As mudanças de linguagem e abordagem são apenas estratégias discursivas para repetir as mesmas histórias de maneiras diferentes.

8. REFERÊNCIAS

BUENO, Magali Franco. Natureza como representação da Amazônia. **Espaço e Cultura**, [S. l.], n. 23, p. 77–86, 2012. DOI: 10.12957/espacoecultura.2008.3524. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/3524>. Acesso em: 7 out. 2024.

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. _____ . **A outra questão**: O estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo. Cap. III, pp. 105-128, 1998.

CARVALHO, José Jorge de. **‘Espetacularização’ e ‘canibalização’ das culturas populares da América Latina**. Revista ANTHROPOLÓGICAS, ano 14, vol.21 (1): 39-76 (2010). Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaanthropologicas/article/view/23675>. Acesso em 04 out. 2024.

COSTA, Vânia Maria Torres; COSTA, Alda Cristina . Ambivalências na tessitura da linguagem audiovisual: reflexões sobre o jornalismo de TV. In: **Anais do 21º encontro nacional de pesquisadores em jornalismo**, 2023, Brasília. Campinas, Galoá, 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2023/trabalhos/ambivalencias-na-tessitura-da-linguagem-audiovisual-reflexoes-sobre-o-jornalismo?lang=pt-br> Acesso em: 04 Out. 2024.

_____. Vânia Maria Torres. **‘À sombra da floresta’**: os sujeitos amazônicos entre estereótipo, invisibilidade e colonialidade no telejornalismo da Rede Globo / Vânia Maria Torres Costa. – 2011.

_____. **À sombra da floresta**: a Amazônia no jornalismo de televisão / Vânia Maria Torres Costa. - 1. ed. - Belém [PA] : Paka-Tatu, 2022.

_____. Quando a imagem fala e o texto grita.: reflexões sobre modos de narrar no jornalismo televisivo. *Culturas Midiáticas*, [S. l.], v. 8, n. 2, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/cm/article/view/27208>. Acesso em: 7 out. 2024.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Notícia, um produto à venda**: Jornalismo na Sociedade urbana e industrial. Alfa-Omega. São Paulo. 1978

FREIRE FILHO, João. **História da televisão: teoria e prática.** IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa do Intercom, 2004.

FOUCAULT, Michel, 1926-1984. **A arqueologia do saber**/Michel Foucault; tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 7.ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 (Coleção Campo Teórico).

FRANÇA, V. **O acontecimento e a mídia.** Galaxia (São Paulo, Online), n. 24, p. 10-21, dez. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/12939>. Acesso em: 07 out. 2024.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** / Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro - 11. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, S. (2016). **O Ocidente e o Resto: Discurso e Poder.** *Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, n. 56. São Paulo, p. 314-361, Mai.-Ago. 2016.

HECK, Egon; LOEBENS, Francisco; CARVALHO, Priscila D. **Amazônia indígena: conquistas e desafios.** Estudos Avançados 19, São Paulo, n. 53, pp. 237-255, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/5RnftMKtzRwmyTMrKpqX63S/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 out. 2024.

JECUPÉ, Kaká Werá. A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio. / Kaká Werá Jecupé; ilustrado por Taisa Borges. - 2. ed. - São Paulo: Peirópolis, 2020.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral.** Companhia das Letras, São Paulo. Pesquisa e organização: Rita Carelli. 2022.

MELLO, Jaciara Novaes. **Telejornalismo no Brasil.** [S.l]: Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2009. Disponível em: <http://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/bocc-mello-telejornalismo.pdf>. Acesso em 04 ou. 2024.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa.** Luiz Gonzaga Motta. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

RAUPP, F. M., & BEUREN, I. M. (2006). Metodologia da pesquisa aplicável às Ciências Sociais. In I. M. Beuren (Ed.), **Como Elaborar Trabalhos Monográficos em Contabilidade: Teoria e Prática** (3rd ed., pp. 76-97). São Paulo: Atlas.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial.** / Guilherme Jorge de Rezende. - São Paulo: Summus, 2000.

ROCHA, Everardo; AUCAR, Bruna. **Fantástico, o show da vida: televisão, convergência e consumo.** Revista ALCEU, v.11, n. 22, p. 43-60, Rio de Janeiro, 2011.



Disponível em:
<https://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=34>. Acesso em: 07 out. 2024

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais** / Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15 ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005a. v.2.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: Porque as notícias são como são**. 2.ed. Florianópolis: Insular, 2005b. v.1.